



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7751 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 02 - História da Educação

ENTRE FLORES: DOCÊNCIA, ABOLICIONISMO E LETRAS NA TRAJETÓRIA INTELLECTUAL DE CACILDA FRANCIONI DE SOUZA

Sirlene Ribeiro Alves da Silva - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

ENTRE FLORES: DOCÊNCIA, ABOLICIONISMO E LETRAS NA TRAJETÓRIA INTELLECTUAL DE CACILDA FRANCIONI DE SOUZA

As flores, muitas vezes, são representações do universo feminino. Na campanha abolicionista tiveram grande valor simbólico, as camélias representavam a liberdade, usadas na lapela ou jogadas ao palco ao final de muitos discursos e apresentações, desempenharam um papel significativo na luta antiescravista. Carregadas de afetos, as flores transmitem felicitações e demonstram carinho, essas algumas vezes foram oferecidas a Cacilda Francioni de Souza, seja por suas apresentações musicais no abolicionismo ou pelo reconhecimento como educadora por suas alunas e seus pares.

Cacilda Francioni de Souza foi uma mulher negra livre, que viveu no período da escravidão e do pós-abolição, militou na causa abolicionista, fez do magistério sua carreira profissional e se sobressaiu na produção de livros didáticos sobre literatura. Sua vida chama atenção para as táticas que diversos homens e mulheres negras/os utilizaram nesse período para superar as dificuldades, “muitas vezes convertendo-as em oportunidades para atingir seus objetivos, permitindo que alguns deles conquistassem um lugar e uma identidade reconhecidos naquela sociedade desigual” (VILLELA, 2018, p. 348).

O presente trabalho foi realizado através de uma pesquisa de cunho documental, amparada por alguns anúncios jornalísticos, que nos revelaram algumas de suas atuações no movimento abolicionista, como também no pós-abolição, cruzando com pequenos resumos biográficos encontrados (SOUZA, 1902; BERNARDES, 1989; GUIMARÃES, 2011; SILVA, 2018). Como repertório teórico-metodológico, utilizaremos a conjugação da História Social da Educação, a História da Intelectualidade e a Micro-história, para destacar seu posicionamento intelectual e sua rede de sociabilidade.

Cacilda Francioni nasceu em 18/06/1858 na cidade do Rio de Janeiro, não temos detalhes sobre seus pais e sua origem social. Neste momento, grande parte da população livre das cidades brasileiras era composta por pessoas negras, mas como nos adverte Pinto “numa sociedade escravista, por óbvio, não importava o caminho tomado, uma pessoa negra e livre sempre seria interpelada pelos assuntos e espaços do escravismo” (PINTO, 2018, p. 184).

Na dedicatória de seu livro, *Resumo da História Literária*, Cacilda informa que

trabalhava no magistério desde 1875. Ela ofereceu essa obra às suas alunas, afirmando que a docência seria a “carreira mais elevada e mais útil, a que se destina a mulher em qualquer nação cultivada pelo saber, pela moral e pelo civismo” (SOUZA, 1902, p. V). É interessante observar como usa essa parte de seu livro para incentivar e ressaltar a posição na mulher na busca por educação e por uma carreira profissional.

Antes de conseguir reconhecimento no magistério, mas concomitante a ele, Cacilda se dedicou a abolição da escravatura. Ao lado de seu esposo, o abolicionista, republicano e socialista negro Vicente Ferreira de Souza, Cacilda passa a frequentar e se apresentar as *Conferências Emancipadoras*, uma série de eventos realizados entre 1880 e 1881 que foram importantíssimas na campanha abolicionista. Ela foi reconhecida pelo movimento como a primeira mulher a participar da causa (*Gazeta da Tarde*, 07/02/1881, ed. 00033, p. 1), primeiramente através da música, mas também fazendo parte de sociedades abolicionistas femininas e mistas.

Conjugava a luta abolicionista com a carreira docente, como professora adjunta da escola pública da freguesia de Candelária. Nesse mesmo período, a Escola Normal da Corte torna-se um espaço de formação para o magistério incentivada pelo poder público, sendo frequentado por Cacilda, enquanto aluna, até aproximadamente 1887. Em 1890, Cacilda assume a diretoria da 2ª. escola feminina primária do 2º. Grau. E as cadeiras de português e caligrafia, em 1892, acumulando também o cargo na direção da escola para meninas (*Almanak Laemmert*, 1893, ed. A0050, p. 1330). Já em 14 de abril de 1897 é nomeada para a cadeira de Português e Literatura da Escola Normal, onde assume esta cadeira juntamente do professor negro Hemetério José dos Santos no curso noturno (*Almanak Laemmert*, 1898, ed. A0055, p. 290).

As letras fizeram parte do caminho de Cacilda, foi identificado três livros de sua autoria. Duas de suas publicações foram dedicadas ao ensino da literatura, *Noções de Litteratura Nacional* (1896) e *Resumo da História da Literária* (1902), chegando a ter seus trabalhos comparados ao de Silvio Romero.

Através das críticas e notícias de jornais, se percebe que Cacilda passou a ser vista como um exemplo da intelectualidade feminina no seu tempo. Sendo seu nome mencionado numa nota que questiona a impossibilidade da participação de mulheres na Academia Brasileira de Letras.

Dessa forma, esperamos que a trajetória de Cacilda possa diminuir a invisibilidade historiográfica que marca alguns grupos sociais. Compreendendo que o mundo letrado e a função de intelectualidade, dentro de nossa História, durante muito tempo foi exclusividade de uma elite branca, que aqui acrescentamos o gênero, “uma elite de homens brancos” (VILLELA, 2018). Mostrando como homens e mulheres negras/os no século XIX, até mesmo escravizados, eram seres complexos que traçaram caminhos diversos para conquistar sua liberdade, para se alfabetizar, se inserir na cultura letrada, chegando a desempenhar papéis de destaque na sociedade escravista.

Palavras-chave: Cacilda Francioni de Souza. Professoras negras. Mulheres, abolicionismo e docência. Gênero na abolição e pós-abolição.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BERNARDES, Maria T. C. C., *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro- Século XIX*. São Paulo:

T. A. Queiroz, 1988.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GUIMARÃES, Anselmo. *Culturas escolares nas escolas primárias na segunda metade do século XIX: o livro Noções de Literatura Nacional. V Colóquio Internacional Educação e Liberdade*. São Cristovão, SE: 2011.

MORAES, Evaristo. *A campanha abolicionista (1879-1888)*. 2ª. Ed. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1986.

PINTO, Ana Flávia M. *Escritos de Liberdade: literatos negros, racismo, e cidadania no Brasil oitocentista*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.

_____, Vicente de Souza: intersecções e confluências na trajetória de um abolicionista, republicano e socialista negro brasileiro. *In Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol 32, nº 66, janeiro-abril 2019, p. 268-286.

SILVA, Alexandra L. O saber que se anuncia: o poder da palavra em tempos de escravidão (Rio de Janeiro, 1830 a 1888). *Revista Brasileira de História da Educação*. Maringá-PR, v. 18, n. 3 (48), 2018, p. 1-29.

SILVA, Eduardo. Sinhás e sinhazinhas avançadas no tempo: a participação de mulheres brancas e negras no undergraound abolicionistas. *In: LIMA, I. S., GRINBERG, K., REIS, D. A., (orgs). Instituições nefandas [recurso eletrônico]: o fim da escravidão e da servidão no Brasil, nos Estados Unidos e na Rússia*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2018, p. 338 – 360.

SOUZA, Cacilda Francioni. *Resumo de Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: Laemmert & C. Editores, 1902.

VILLELA, Heloísa de O. S. Uma família de educadores “de cor”: magistério, redes de sociabilidade e projetos abolicionistas na capital fluminense (1860-1910) *In SECRETO, V. S., VENÂNCIO, G. e VIANNA, L. (orgs). Sujeitos na história: perspectivas e abordagens*. Niterói: Eduff, 2018.